

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA POLITÉCNICA  
CURSO DE DESIGN

DIOGO SILVA PÓVOA

MOBILIÁRIO PARA ESPAÇO REDUZIDO  
Auto produção

Goiânia

DIOGO SILVA PÓVOA

MOBILIÁRIO PARA ESPAÇO REDUZIDO

Auto produção

Monografia e Projeto apresentados ao Curso de Design da Escola Politécnica da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para a obtenção do grau de Bacharel em Design.

**Orientador: Prof. Maurício Azeredo**

Goiânia 2023

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO .....	4
<b>1.1</b>	OBJETIVO GERAL .....	5
<b>1.2</b>	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	5
<b>1.3</b>	JUSTIFICATIVA .....	6
2.	MOBILIDADE DOS JOVENS NO SÉCULO 21.....	6
<b>2.1</b>	ESPAÇOS REDUZIDOS .....	7
3.	AUTO PRODUÇÃO NA DÉCADA DE 60 E 70 .....	8
4.	A CONTRA CULTURA.....	10
<b>4.1</b>	MOVIMENTO HIPPIE .....	10
<b>4.2</b>	ARTS & CRAFTS.....	11
<b>4.3</b>	TROPICÁLIA.....	12
5.	AUTO PRODUÇÃO, AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA .....	13
6.	FATORES PSICOLÓGICOS .....	14
<b>6.1</b>	PENSAR E FAZER .....	15
<b>6.2</b>	IDENTIDADE PRÓPRIA .....	17
7.	FATORES ECONÔMICOS .....	18
8.	EXEMPLOS .....	20
<b>8.1</b>	MOBÍLIA CONTEMPORÂNEA – MICHEL ARNOULT .....	20
<b>8.2</b>	LINHA ARATU – MICHEL ARNOULT .....	23
9.	CONCLUSÃO .....	25
10.	PROJETO .....	26
11.	REFERÊNCIAS.....	30
12.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, composto por monografia e projeto de design, tem por objetivo difundir e desmistificar o design através da dialética entre o pensar e o fazer, provinda da auto produção de um mobiliário multifuncional e modular.

Direcionar o projeto para jovens solteiros e casais que alugam apartamentos com ambientes reduzidos e não se sentem representados com móveis oferecidos nas diversas lojas de “fast-mobília”. E desta forma, garantir a eles a possibilidade da auto produção de peças únicas e funcionais.

Por essa razão, ao se tratar de um recorte populacional, em primeira instancia tem-se a mobilidade como foco de estudo. O deslocamento desse grupo, que por sua vez acontece de forma irregular e não homogênea, é provocado principalmente por fatores externos ao meio em que vivem. Seja em busca de oportunidades de emprego, por pressão social vinda dos parentes, ou qualificação profissional, esse fluxo gera consequências econômicas que afetam a qualidade de vida de si próprios.

Adiante, pode-se inferir o árduo trabalho de Victor Papanek e James Hennessey em suas duas obras *Nomadic Furniture v1* e *v2*. Os catálogos representavam na época uma afronta direta as ideias capitalistas de consumo exagerado que circulavam nesse período. Na contramão, traziam força para movimentos contraculturais que estavam em pauta, além de remeteram às lutas de sustentabilidade e instigarem a auto produção.

A força da autoprodução é pautada em meio a crises e guerras no mundo. Jovens e radicais buscam retomar os princípios humanos e questionam o atual modelo econômico que preza pelo consumo exagerado e pela produção em massa.

Ainda neste recorte temporal, o quarto capítulo traz 3 dos principais movimentos de contracultura vivenciados após a era industrial, o Arts & Crafts, o Movimento Hippie e a Tropicália. Movimentos de extrema importância para a cultura das artes e da arquitetura, traziam o saudosismo de uma vanguarda adaptada a uma realidade moderna e sem amarras ideológicas.

Sendo assim, torna possível retomar a relação humana, antes rompida pela indústria pós revolução industrial, entre o pensar e o fazer. Ponte dialética

fundamental para o processo de criação e imaginação, capaz de promover liberdade e satisfação pessoal. Reconnectando o trabalho do homem ao produto final.

Sem a relação direta e positiva entre o pensamento do homem e processo de criação, o resultado final por sua vez torna-se massivo e confuso. Hoje em dia, esse processo é vivenciado na pressão diária imposta sobre os jovens, que por sua vez não se veem protagonistas do processo criativo que participam e acabam se frustrando.

A autoprodução traz o poder do processo criativo, da chance de escolha e da identidade própria. Sendo assim, capaz de reinstaurar o elo humano entre o fazer e o pensar, e desta forma, ampliar, não apenas a capacidade de criação, mas também a longevidade vital da própria vida.

## 1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desta monografia é, por meio de uma de moveis, promover a autoprodução entre o público jovem, e assim favorecer e intensificar fatores psicológicos relacionados a criação e satisfação própria. Oferecendo um manual de autoprodução de mobiliário em lojas de construção e bricolagem.

## 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estudar os movimentos de contracultura
- Enaltecer a autoprodução e trabalhos manuais
- Estudar técnicas de modelagem e prototipagem
- Democratizar o mobiliário brasileiro

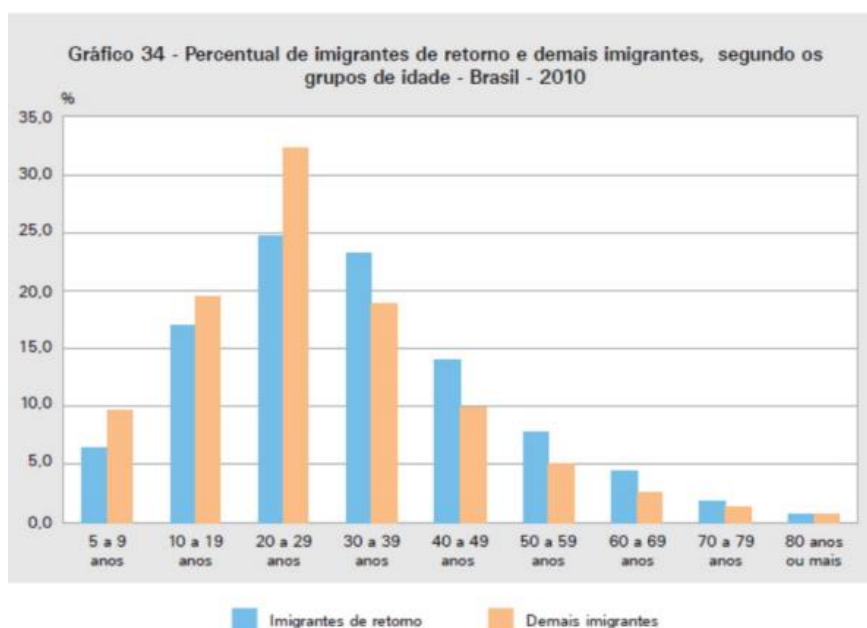
### 1.3 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho é dado em memória das inúmeras tentativas do ilustre designer Michel Arnoult em democratizar o design com uma “serie de moveis para todos “. Apresentar uma solução que se encaixe em todos os gostos, embora se mostre difícil, é de uma honra enorme. Sabe-se que o design, muitas vezes se mostrou elitista e segregador, e poucos foram os que buscaram quebrar essa barreira. Tal fato justifica a proposta de um manual de autoprodução que possa popularizar esse tipo de conteúdo.

## 2. MOBILIDADE DOS JOVENS NO SÉCULO 21

Com as grandes ofertas de emprego e qualificação metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro se tornaram o destino preferido de jovens que se encontram em transição para a fase adulta. Deslocamentos que ocorrem diversas vezes como formas de mudança de vida, ou um novo começo para esses indivíduos ou recém casais, que por sua vez trazem poucos objetos pessoais para a jornada.

**Figura 1.** Censo Demográfico 2010. Percentual de imigrantes de retorno e demais imigrantes, segundo os grupos de idade, 2010



Fonte: IBGE(2012.p104)

Esse fluxo migratório não ocorre de forma linear e nem em sentido único. Em conjunto a inconstância do mercado de trabalho, a flexibilidade das empresas na contratação e demissão gera um fluxo cada vez maior nesses deslocamentos (Bauman,2001).

Outro fator que potencializa a fluxo dessa juventude contemporânea está ligado a “sociedade em rede” e intenso compartilhamento instantâneo de informações. Sobre esse aspecto, Bauman (2001) infere esses atributos, como principais causadores do alto índice de mobilidade na era contemporânea.

No entanto, muito se discute sobre essa mobilidade atual que remete a um passado nômade, ou nomadismo. Trata-se do nômade urbano, termo utilizado para dar nome a pessoas que mudam de um lugar para outro à procura de oportunidades de emprego, oportunidades financeiras ou qualificação profissional. Influenciadas pelo competitivo mercado de trabalho, ou por motivações próprias, esses indivíduos traduzem incertezas em motivação para atingir objetivos pessoais (Barbosa, 2008).

Com isso, as grandes metrópoles acabam concentrando um elevado numero de pessoas em busca de qualidade de vida e oportunidade. E com a grande demanda gera então uma alta no preço de imóveis, gerando assim um desequilíbrio no mercado imobiliário. Por consequência, empreiteiras buscam novas soluções para resolver os problemas desse público, com ambientes menores, compartilhados e as vezes reduzidos ao mínimo para caber no orçamento dos jovens sonhadores.

## 2.1 ESPAÇOS REDUZIDOS

Os jovens-adulto, pessoas com idade entre 20 a 35 anos, por estarem nesse período de início de carreira buscam imóveis práticos, que sejam próximos aos centros urbanos e transportes públicos, fáceis de limpar, e com eficazes na organização para facilitar o dia a dia (Tavares, 2012).

Além desse público, a nova configuração de “novas famílias” é representada por casais que não pensam ou não pretendem ter filhos, assim como grupos de amigos também se juntam para dividir as contas e compartilhar um imóvel menor e mais acolhedor.

Para atender a esse novo mercado em acessão, as grandes empreiteiras reduziram os espaços dos imóveis e integraram áreas para trazer comodidade e praticidade no dia a dia. “Morar assim é um estilo de vida, uma tendencia minimalista, simplificada da vida” afirma a Designer de ambientes Fernanda Berni (Almeida, 2017).

Cabe a uma pequena parcela da população, de grande poder aquisitivo, a oportunidade de se instalar nessa fase da vida em um local amplo e espaçoso. Para a maioria a realidade é outra, estúdios e *lofts* são as soluções cabíveis, quando não, espaços compartilhados com amigos.

Porem, diminuir a metragem dos imóveis, não significa diminuir as necessidades do indivíduo. A procura por mobiliários multifuncionais vem crescendo cada vez mais para suprir a falta de espaço nos lares. Além disso, o design tem se mostrado eficaz para manter o “bom desenho” dos elementos, para que não tomem todo o espaço, que já não é grande, e tornem os apartamentos ainda menores (ROSENTHAL; GAMBAGORTE, 2016).

Entende se então necessária a utilização de moveis que possam compor o ambiente e atender de forma pratica as necessidades do dia a dia. A eficiência do mobiliário versátil deve estar além da sua multifuncionalidade, e deve estar ligada a beleza e estética para comporem um ambiente agradável ao morador. Além disso, a vida útil destes elementos deve ser compatível com a proposta que lhe foi designada.

### **3. AUTO PRODUÇÃO NA DÉCADA DE 60 E 70**

Com a transição do século 17 para o século 18 e conforme as novas tendências de reforma na indústria surgiam, com produções em massa, eventos de contracultura para debater e questionar o avanço do capitalismo na sociedade. Os meios de produção, a princípio controlados por artesãos de pequeno porte, sofreram a influência de decisões políticas e sociais, que buscavam lucrar e diminuir seus custos, introduzindo máquinas e mecanizando processos.

Importante ressaltar que essa transformação, embora tenha sido sentida em quase todas as culturas da época, não ocorreu de maneira uniforme. Seus processos foram ajustados sutil e inconscientemente para cada povo, lugar e cultura. Sendo assim, manejados e adaptados de maneira diferente em cada lugar do mundo.



Conforme o poderio tecnológico de uma indústria mecanizada crescia, o valor agregado do seu produto subia junto. Lógica essa antiga, porém ao se tratar de um produto de design, especialmente um móvel, mobília, produzido sob rápido e simplificado processo de fabricação, o produto tende a ser mais frágil e de menor durabilidade.

Os designers e escritores, Victor Papanek e James Hennessey, trazem essa problemática em seus dois livros *Nomadic Furniture* (1973) e *Nomadic Furniture 2* (1974) onde provocam a indústria da época com dois catálogos de móveis de fácil execução, de baixo valor agregado, compactos e ideais para pessoas nômades. Essas obras são os contextos ideais para trazer um breve recorte temporal nas décadas de 1960 à 1970, no qual é possível traçar contextos históricos e socioeconômicos frutos dos movimentos contraculturais, dos quais o público jovem era precursor.

Temas diversos como feminismo, preconceito racial, utopias, design nômade e arquitetura sustentável já estavam em pauta na época e representavam um olhar para o futuro. Ademais, os catálogos foram de extrema importância para promover o interesse popular pelas ideias da auto produção ou os modelos “do it yourself”. Trazendo assim, formas alternativas de produção que, aliadas ao estilo de vida dos jovens, caracterizam uma forma de viver em prazo mais longo (Prado,2011).

Diante da esfera norte-americana, ideias utópicas com caráter socialista eram disseminadas por grupos não violentos de diversas camadas sociais. Os “hippies” buscavam uma proposta de revolução para a juventude, vinda da própria comunidade jovem. Outro movimento de intenso valor foi o *Arts And Crafts*, que defendia a volta da confecção manual de objetos, como forma de resistência ao avanço da indústria opressora.

## 4. A CONTRA CULTURA

O termo “contra cultura” nasce na cultura estadunidense, para identificar movimentos ou reações alternativas, contrárias à cultura e aos valores previamente estabelecidos. Com isso, os movimentos foram ganhando um caráter marginal, embora a maioria permanecesse pacífica, diante à sociedade, visto que se rebelaram contra as regras e os valores sociais americanos e capitalistas. Atraídos pela revolta social, pelas drogas e as filosofias alternativas transmitidas pelos gêneros musicais como o Rock, os jovens da década de 60 foram o principal símbolo do movimento.

Os discursos tinham um caráter predominantemente crítico, voltado aos condicionamentos sociais impostos à população, cujo existencialismo sartriano caracterizava como uma “existência inautêntica”, originada pela força do mercantilismo e das normas de censura, além do extenso avanço industrial e tecnológico ao qual as indústrias passavam.

"Muitos designs recentes satisfizeram apenas desejos e vontades evanescentes, enquanto as necessidades genuínas do homem muitas vezes foram negligenciadas pelo designer." Disse Victor Papanek em seu livro "Design for the real world" em 1971. (PAPANECK, 1971). Nessa passagem o autor retrata a importância da reconexão as relações entre homem e a Terra, onde aquele esqueceu seus instintos naturais.

### 4.1 MOVIMENTO HIPPIE

O movimento hippie, que surgiu após a guerra fria, na década de 60, nos Estados Unidos da América durante a guerra do Vietnã se opunha às principais ideias do capitalismo, indo contra os ideais de hierarquia, autoritarismo e o próprio *American Way of Life*, ou o “estilo de vida americano”, baseado exclusivamente no consumismo em massa.

A origem do movimento se deu principalmente por uma questão militar. Os jovens americanos buscavam a paz em seu país incentivando a saída dos Estados Unidos da Guerra do Vietnã, ao contestar os reais valores que a guerra trazia e o

próprio estilo de vida conservador e consumista que era ditado aos jovens, além dos supostos benefícios de uma sociedade industrializada (Cardoso, 2020).

As principais ideologias que circulavam o movimento hippie partiam de uma cultura de retomada das origens e de práticas libertárias e a busca da natureza na comunidade. Utilizavam slogans como “Faça amor, não guerra” e “Paz e amor”, como formas de exaltar o lado pacificador do movimento. Também eram adeptos a um estilo de vida nômade e, por isso, publicações de design como *Nomadic Furniture 1* (1973) e *Nomadic Furniture 2* (1974) se tornaram populares nesse período (Oliveira, 2019).

Dentre as principais influências do movimento Hippie, pode-se citar os *Beatniks* e os movimentos negros nos Estados Unidos, ambos continham a premissa de criticar o sistema capitalista baseado no consumo e lutar pela igualdade racial e pela paz na sociedade.

Em suma, o movimento buscava questionar a população jovem da época sobre os rumos que a indústria poderia tomar. Tendo em vista a grandiosa corrida armamentista e tecnológica naquele tempo, já se era possível prever o possível estrago que a indústria e os setores primários poderiam causar (Cardoso, 2020)

Além disso, os jovens buscavam se identificar em um padrão que não tivesse sido estabelecido ou dito a eles. Ou seja, a busca de uma identidade própria e que não dependa de ideais capitalistas de agir e pensar.

## 4.2 ARTS & CRAFTS

O movimento estético Arts And Crafts, surge, na Inglaterra, como estopim contra as indústrias, a divisão de trabalho e a produção em massa. Dispondo das ideias de John Ruskin e Augustus Pugin, William Morris, o principal ativista, buscou restaurar a igualdade entre os setores de criação e produção, além de retomar o artesanato, em sua essência, no lugar da indústria mecanizada. Morris evidenciou a alienação nas fábricas, que, conforme expandiam, mais alienavam o trabalhador.

Durante o período do Arts & Crafts, compreendido entre 1860 e 1930, o artista e designer William Morris fundou a empresa Morris, Marshal, Faulkner & Company

(1861-1875), que em seguida se transformou em Morris & Co., e aliado ao seu caráter socialista, foi um dos precursores desse fenômeno de contracultura e exaltação da autoprodução. Morris, em sua empresa, adotou uma ideologia neomedieval, exaltando o trabalho artesão e com um estilo próprio. Sua produção era totalmente contrária à produção industrial e mecânica, com a proposta de retomada do artesanato e conceitos atrelados à biofilia.

”Hoje em dia separamos quem pensa de quem faz, e chamamos quem pensa de cavalheiro e quem faz de operário; no meu entender, quem pensa deveria também fazer e quem faz deveria também pensar, e todos deveriam ser chamados de cavalheiros. – RUSKIN apud. FILHO, ANICETO E AMARAL”

Em contramão ao aumento da produção em massa nas indústrias, a qualidade no padrão de produção dos produtos, diminuía drasticamente. Conforme a ação humana era substituída pelas máquinas, o trabalhador era submetido a condições extremas de trabalho. Com a ideia de lucro cada vez maior, a eclosão de conflitos que surgia na época, contra a desumanização na indústria, foi essencial para que novas formas de pensar as coisas tivessem espaço, como uma nova estética no design e novos direitos trabalhistas, implementados, anos depois.

Embora o movimento possuísse um bom embasamento teórico, na prática a produção em pequena escala não foi capaz de competir com a indústria em sua crescente expansão. Até hoje, os princípios e fundamentações de enaltecer a manufatura e o trabalho do artista e do artesão conseguem, mesmo que para um público restrito ou de maior poder aquisitivo, se manter dignos e respeitados, porém, ainda se vê muitas empresas explorando mão de obra barata em países pobres para obter lucro.

### 4.3 TROPICÁLIA

No meio brasileiro, o movimento hippie coincidiu com o regime de Ditadura Militar, que vigorou no Brasil entre os anos de 1964 e 1985. Era o chamado

tropicalismo, caracterizado por resistência da juventude às repressões militares e ditatoriais da época. Entendido como um movimento exótico e com caráter provindo da cultura americana, o Tropicalismo ganhou visibilidade como discurso de uma renovada consciência. Por outro lado, a esquerda ortodoxa entendia o movimento como um perigo eminente para a sociedade, alegando a subjetividade de ideias, além de criticar as propostas desagregadoras da família e do sistema como um todo.

Devida às diversas formas de censura na imprensa, publicações alternativas foram a engrenagem para gerar visibilidade ao movimento, dentre elas Verbo Encantado (1971-1971), Navilouca(1974) e Flor do Mal(1971) são bons exemplos. Além delas, é possível citar o filósofo e jornalista Luis Carlos Maciel, conhecido como o guru da contra cultura brasileira, como peça fundamental para a divulgação do movimento. O jornalista relatou a trajetória da contracultura hippie dentro e fora do Brasil, além de propostas dentro das artes plásticas e do cinema para estabelecer e proporcionar, por meio da imprensa alternativa, uma nova resistência silenciosa e, algumas vezes, irônica (De Barros,2015).

Marcado na música também, o tropicalismo foi representado por nomes como Gilberto Gil e Caetano Veloso. As canções “Questão de Ordem” e “É Proibido Proibir” , respectivamente de Gilberto e Caetano, serviram como ironias à guerra ideológica da época. Inicialmente as letras se mostraram de difícil compreensão, porém esse era o intuito: os artistas procuraram confundir a crítica, e trazer esse caráter mais artístico ao invés de político para o movimento. (De Barros,2015)

Em suma, o movimento Tropicalista no brasil, embora tenha seu viés originado da contracultura norte-americana hippie, não se trata apenas de um saudosismo da vanguarda, mas traz em si uma nova visão da realidade brasileira, sem as amarras de ideologias tradicionais.

## **5. AUTO PRODUÇÃO, AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA**

A atual cultura da auto produção (DIY – *Do it yourself*) pode representar o uma vivencia do nomadismo do século 21? Como o design pode crescer na independência pessoal de um indivíduo que passa pela transição de jovem para

adulto? E os jovens serão capazes de deixar um legado tão forte e importante quanto a cultura Tropicalista?

Ao adentrar os questionamentos relacionados à autoprodução e autonomia, convém assemelhar essa relação dialética às características primordiais das criações de *Nomadic Furniture v1* e *v2*. A vivência experienciada pelos autores, desde a adolescência à fase adulta, é descrita no livro e diversas vezes representada como um processo de transição pessoal vivenciado em uma década de diversos movimentos contraculturais. Papanek e Hennessey demonstram como pensamentos rápidos podem se transformar em soluções viáveis e de extrema utilidade (Oliveira, 2019).

A premissa da auto produção se concretiza no pensamento do autor ao afirmar sua busca em desmistificar o campo do design e traduzi-lo para uma linguagem clara e comum, trazendo a liberdade criativa e possibilitando a conexão pessoal entre o pensar e fazer.

Assim como o movimento nômade vivenciado na década de 60 e 70 apresentava um caráter de contra cultura que fugia de modismos e normas a serem seguidas, a cultura do DIY contemporâneo é uma vertente aproximada desse pensamento. Questionando a produção e o consumo em massa, a obsolescência de produtos e a qualidade deles (Prado, 2011).

## **6. FATORES PSICOLÓGICOS**

Na obra *Nomadic Furniture 2* (1974) V. Papanek e James Hennessey discutem a filosofia de seu livro, que busca desmistificar o design e torná-lo mais acessível. Papanek diz “Nós acreditamos que muito está errado em nossa sociedade que busca refúgio em objetos elegantes”, em livre tradução (Papanek, 1973). Nesta afirmação, os autores não questionam a cor ou a “quantidade” de tecnologia que foi empregada na produção do produto, mas sim a “mais-valia” sobressalente do objeto, a marca que lhe foi atribuída. Hennessey e Papanek ainda concluem seu pensamento ao dizer que “As pessoas estão cada vez mais conscientes de como foram manipulados pela indústria da moda. Em especial os jovens, que transformam suas necessidades em

roupas, em móveis, para que, a liberdade pessoal desenvolvida possa se tornar o objetivo, ao invés de uma vitrine cheia de objetos.”, em livre tradução (Papanek, 1974).

Ao adentrar esse pensamento, é possível atribuir a um objeto diversos adjetivos, valores, pessoais e afetivos. De certa maneira, a mentalidade humana pode armazenar e desenvolver sentimentos e valores, a partir de um processo de produção previamente imaginado pelo indivíduo e em seguida executado pelo mesmo. Com isso, a relação humana com o produto é muito mais satisfatória, provém mais prazer. Quando não há ligação direta, a exemplo, entre o designer e o carpinteiro, existe uma separação muito grande entre os dois processos: o pensar e o fazer. Ou seja, não se reconstitui a dimensão humana do trabalho.

## 6.1 PENSAR E FAZER

Com a chegada dos processos de desenvolvimento na indústria, pós-revolução industrial, os ciclos industriais passaram a ser mais eficientes e buscar rapidez na linha de produção. Sistemas como o Fordismo e Taylorismo, que apostaram na padronização da produção, surgiam para resolver problemas recorrentes.

Embora os lucros com os novos sistemas fossem espantosos, toda a nova renda era proveniente da exploração do trabalhador. As novas relações de trabalho se deram em trabalhos repetitivos e monótonos. Com esse ciclo trabalhista, problemas de redução de criatividade, exaustão mental e física do trabalhador, além da despersonalização do trabalho, se tornam comuns entre a classe operária.

O abismo entre indivíduo e produto se torna cada vez maior com os avanços tecnológicos, uma vez que o operário passa a ser substituído pela máquina que, por sua vez, passa a protagonizar o exercício do fazer. O operário ou artesão, que, anteriormente, participava de todo o percurso produtivo, desde a concepção, o pensar, até à fabricação e o fazer, perde essa relação dialética de fatores e concede à ferramenta tecnológica essa função primordial.

Com o afastamento entre trabalho intelectual e manual, a discrepância entre o fazer e pensar se tornou menos tangível. Sendo assim, os efeitos colaterais citados anteriormente, como a exaustão, a perda de criatividade e a despersonalização do trabalho, se mostram ainda mais evidentes, tendo em vista que o indivíduo responsável pelo pensar, raramente, entenderá do processo de fazer, e vice-versa.

As tecnologias de produção computadorizadas, diversas vezes, podem apresentar falhas que caso feitas por mãos humanas, poderiam facilmente ser notadas em segundos e arrumadas. Na maquinofatura esses processos podem passar despercebidos e complexos de serem resolvidos.

Ou seja, com o processo industrial ocorre uma ruptura entre o pensar e o fazer, na qual o trabalhador se torna uma máquina. Por outro lado, quando o processo leva em consideração o trabalho manual e a criação humana, não existe essa danosa separação.

Essa diversa relação humana foi vivenciada por milhares de anos pelos povos originários no planeta terra. No início da humanidade, os homens não possuíam conhecimento de construção aprimorada, ou mesmo de resistência de matérias. Com isso, essas pequenas civilizações, ao observar a natureza, se viam na necessidade de aproveitar as formas da natureza, como cavernas, sombras de árvores e amontoados de rochas para aproveitar de abrigo. As condições climáticas, de solo e recursos disponíveis, eram fatores limitantes na época, porém, fator esse que possibilitou o desenvolvimento de habilidades de sobrevivência que pudessem garantir a vida naquele período.

Essa vivência pode ser observada no livro Shelter página 4 “Com condições de clima e solo adequadas, às cavernas forneceram abrigo para homens e animais ao longo da história. Além das cavernas naturais, haviam inúmeras regiões onde pessoas esculpam suas casas em rochas sólidas, com resultados espetaculares.<sup>1</sup>”, em tradução livre, o recorte traduz essa relação dialética entre pensar e fazer em sua origem mais primitiva.



As cavernas foram abrigos por milhares de anos ao longo da história, e em seguida, conforme o aprendizado de novas tecnologias, ainda que primitivas, o homem foi saindo de cavernas e construindo abrigos por onde passava. Em suma, a relação dialética, antes mencionada, entre o fazer e o pensar vem de origens primitivas e simples. Quando o homem precisava se abrigar e, para isso, idealizava um objeto, ou uma maneira de se abrigar, de se proteger, e em seguida se via obrigado a atender essa necessidade, esse instinto natural, indo atrás de soluções e da concretização da ideia.

Para o artista plástico Tai-Hsuan-an, o ato de pensar, fazer ou imaginar representa, no contexto de criação, um ponto de partida, um impulso. Assim, é possível lapidar um simples pensamento e transformá-lo em ideias de valor ilimitado para o homem a partir da imaginação e da criação humana. Sendo essa criação e perseverança, força motriz para a intensificação da ação criadora e da liberdade do pensamento criativo. Tai completa seu pensamento da seguinte forma: “Criar representa a intensificação do viver” (Tai, 2010).

A relação humana, entre indivíduo e produto, é o que conecta o pensar e o fazer dentro de um sistema de produção. Ou seja, uma relação dialética, que, por mais complexa que seja, reconstitui a dimensão humana do trabalho. Sem divisão técnica dentro de uma linha de produção, o elo natural se torna mais prazeroso, satisfatório. Infere-se que a recomposição humana entre *pensar* e *fazer* é necessária para a relação dialética do trabalho e do produto final (Tai, 2010).

## 6.2 IDENTIDADE PRÓPRIA

Com a análise da relação humana entre indivíduo e objeto, dita como pensar e fazer, é possível atribuir outros valores simbólicos e cognitivos ao se tratar dessa relação. Além do prazer nato em produzir um objeto material e poder usufruir do mesmo, outro elo pode ser estabelecido ao observar a natureza do objeto. De qual

forma ele foi feito? Quais matérias se utilizou e por quê? De onde surgiu a forma desse objeto?

Partindo deste questionamento, o fotógrafo e carpinteiro Llyod Kahn produziu um estudo baseado nos diversos tipos de abrigos que a humanidade já produziu. Em seu livro *Shelter* (1973), o autor reuniu mais de 1250 ilustrações com abrigos, cabanas, coberturas primitivas entre outras habitações. O livro também mostra a forma de construção que os povos originários utilizavam, suas ilustrações e relatos.

A partir dos relatos e da descrição dos povos, é possível associar o valor simbólico diversas vezes atribuído pelos indivíduos. Nos períodos primitivos da Terra, o humano não possuía o conhecimento de arquitetura e matemática que possui hoje em dia. Nesse período era necessário utilizar o que se tinha ao alcance, e permaneceu assim por milhares de anos. (Kahn, 1973)

Porém essa necessidade se tornou atributo hierárquico entre povos, uma cultura que se passou de geração em geração, e assim se caracterizando como um símbolo arquitetônico de uma região ou tribo. Esse fenômeno é perceptível em todo o globo terrestre como tradição.

Com isso, a cultura fica estabelecida, de certa forma, dentro de um espectro social de status quo, na qual as criações de antepassados devem ser preservadas e continuadas para futuras gerações. Esse movimento perdura nos dias atuais e mostra a capacidade do ser humano de atribuir valor a objetos e assim construir sua identidade a partir disso.

## **7. FATORES ECONÔMICOS**

No cenário brasileiro de 1953, o arquiteto francês Michel Arnoult se questiona nos padrões do modernismo pós-guerra e suas faces econômicas, principalmente relacionadas ao mobiliário. Saturado de uma modernidade que ostentava padrões complexos, robustez de linhas e formas, ornamentados e mundanos. Trouxe uma solução que buscava solucionar o problema do cidadão comum, projetando móveis para as classes médias emergentes e assim fazer o design mais acessível.

Nessa época, juntamente com o designer escocês Norman Westwater, Arnoult dá os primeiros passos para sua, inicialmente pequena, fábrica de móveis. Logo de início, a novidade se trata do móvel modulado, solução muito questionada e pouco conhecida na época. Apesar de um assunto pouco discutido no Brasil de 1950, os artistas buscavam suas referências de Le Corbusier e da Bauhaus modernista<sup>1</sup>.

Os módulos apresentados não buscavam se destacar no ambiente, mas sim compor ele. A mobília era apresentada juntamente de folhetos com possíveis disposições dos móveis, assim como seu manual de montagem (Leon, 2016).

Contudo, a Mobília Contemporânea perdurou no mercado por algumas décadas, com linhas renomadas no design brasileiro. A solução apresentada por Arnoult e Norman foi um passo importante na história do mobiliário brasileiro e se vê viável dentro do recorte social apresentado. Embora o contexto político e social seja diferente, é possível traçar um paralelo viável entre o nomadismo jovem atual e a solução econômica encontrada por Arnoult.

O artista, por inúmeras vezes buscou tornar seus móveis acessíveis, o chamado “o móvel popular”, porem a vulnerabilidade da indústria particular, de pequeno porte, frente a industrial internacional e a larga produção estiveram sempre em seu caminho (Maultner, 2016).



Figura 1: Foto de Hans Günter Flieg produzida para o folheto da Mobília Contemporânea

Para tal, como já mencionado anteriormente, a procura por moveis de baixo custo e boa qualidade estão em alta no mundo inteiro, e atrelado ao modelo compacto de transporte, modulação e de fabricação proposto pelo designer, torna-se expressiva a combinação desses fatores no mundo contemporâneo.

## 8. EXEMPLOS

A partir do estudo apresentado anteriormente, realizou-se um estudo de referências voltado ao mobiliário de uso diário encontrado nos veículos de venda mais comuns. Buscou-se analisar o mercado moveleiro de auto consumo mais comum nas casas brasileiras. Com tudo, analisar a disposição e composição das peças, além de uma presunção de vida útil das mesmas. Por fim, será possível ter um panorama geral de referências e concluir o devido estudo com base em evidências.

Assim como foi descrito nos capítulos anteriores, a indústria de massa busca eficiência e quantidade, e a respeito de móveis, a regra é a mesma. Logo de início, pode-se observar a qualidade precária e frágil das peças de menor valor agregado. Ademais, nenhum valor estético ou atrativo se mostrou presente em móveis dessa categoria. São peças que surgiram com uma proposta voltada a usabilidade e resolução rápida e única de uma determinada demanda.

Não obstante, a devida pesquisa procura listar móveis que permitam ao usuário o uso diversificado em seu dia a dia, e não apenas uma única função. A usabilidade do mobiliário deve ser multi-versiva e multifuncional, sem limitar ou restringir o usuário com peças complexas ou de difícil execução.

### 8.1 MOBÍLIA CONTEMPORÂNEA – MICHEL ARNOULT

A Mobília Contemporânea foi uma empresa de móveis fundada em 1950 por Michel Arnoult e Norman Westwater, que ofereceu até 1973 diversos elementos modulares, multifuncionais e de baixo custo que podem compor qualquer ambiente de

uma casa. Sua premissa era produzir móveis de longa vida útil e baixo valor de custo final, contrapondo os princípios do consumismo crescente.

Arnoult trouxe a experiência e a vivência das escolas europeias e além da convivência com personalidades de renome da época, como Oscar Niemeyer, Juscelino Kubitschek e Cândido Portinari para entender a realidade econômica do mercado brasileiro. Foi dessa forma que se constatou a discrepância entre a crescente imobiliária da época e a escassez de uma produção racional de mobiliário<sup>2</sup>.

Com isso, Michel Arnoult e o escocês Norman Westwater criaram a empresa Móvel Contemporânea<sup>3</sup> com a criação inicial de uma série completa de elementos modulados para ambientes modulados. As peças não possuíam apelo chamativo, nem buscavam ser peças principais em ambientes.

O principal intuito da Móvel Contemporânea era atingir o público jovem, com um conceito bem estipulado e com anúncios racionais e direcionados. Algumas propagandas publicitárias remetiam ao movimento hippie enquanto outras traziam ambientes descontraídos, e a independência pessoal do comprador, diversas vezes mulheres (Leon, 2016).

Norman e Arnoult ficaram conhecidos por produzir móveis que podiam ser desmontados e montados de forma simples e fácil. Além disso, os elementos ao serem vendidos, saiam da loja dentro de uma caixa até 5 vezes menor que o produto montado. Contava com o entusiasmo de uma família brasileira para ir à uma loja em um fusca, comprar diversos móveis e colocá-los no mesmo fusca para voltar para casa.

Esse contexto de pegar e levar seu móvel em caixas de papelão foi fiel na Móvel Contemporânea até sua exaustão. Mas, em 1960, com a chegada de novos materiais na indústria, como o acrílico e fibra de vidro vistos na Europa e Itália, Arnoult traz a nova série de móveis populares: PEG-LEV.

A seleção continha móveis básicos para ambientes pequenos, a apresentação de cores nos elementos e uma seleção de objetos de decoração. Medidas necessárias para competir com a concorrência vigente da época e os móveis de materiais sintéticos.

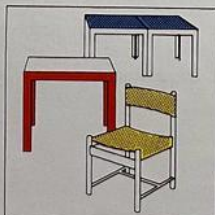
# Sala embrulhada para presente



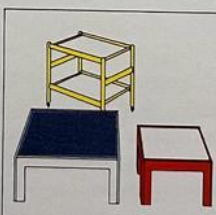
O PEG-LEV de MC foi criado para noivos apressados, para padrinhos de última hora, para pais de primeira viagem. Os móveis são práticos e bonitos. Adaptam-se a qualquer tipo de ambiente. Já vêm embrulhados para pronta entrega. E, se quiser, você mesmo leva na hora. Correndo. No seu carro.



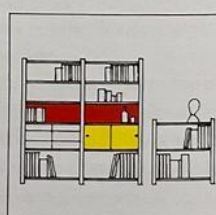
Poltrona "conversível" para quem tem muita imaginação. Sem braços custa Cr\$ 187,00. Com braços fica em Cr\$ 199,00. E se quiser você as transforma num sofá para 2 pessoas por Cr\$ 386,00.



A mesa para 4 pessoas custa Cr\$ 146,00. Juntando 2 mesas você forma uma grande para 6 pessoas. A cadeirinha, laqueada, custa Cr\$ 96,00.



O carrinho de chá (Cr\$ 146,00) e as mesinhas (Cr\$ 89,00 a menor e Cr\$ 127,00 a maior), trazem uma grande novidade: tampos de dupla face azul e branco.



Estante ultra prática que cresce na medida que aumentam seus livros. A caixa inicial custa Cr\$ 167,00. E a estante completa, Cr\$ 703,00.

Preços S. Paulo

## MOBILIA CONTEMPORANEA



São Paulo: Praça Franklin Roosevelt, 134 - Av. Vieira de Carvalho, 191 - Rio: Rua dos Jangadeiros, 6-A (Ipanema) - Belo Horizonte: Rua da Bahia, 1192 - Porto Alegre: Rua 24 de Outubro, 919 - Recife: Rua Martins Junior, 21-A - Curitiba: Travessa Jesuino Marcondes, 40 - Salvador: Rua Senador Costa Pinto, 51 - Belém: Av. Gov. José Malcher, 1693 - Brasília: S.O.S. 300-Bloco D - Loja 15 - Goiânia: Praça Tubal Vilela, 30 - Manaus: Rua Monsenhor Coutinho, 546.

# PEG-LEV



## 8.2 LINHA ARATU – MICHEL ARNOULT

Michel Arnoult desenvolveu em 1998, na cidade satélite de Ceilândia no Distrito Federal, a linha Aratu. O designer contou com a participação do representante da empresa Veracruz Florestal, Paulo Silveira, e do engenheiro florestal Reinaldo Ponce, para o desenvolvimento de moveis com unidade material no eucalipto.

Voltada para a formação de jovens, a serie de 10 moveis possuía atributos relacionados a desmontabilidade, já vista em outras linhas do artista. Conforto, resistência e facilidade de fabricação eram os atributos a serem atingidos com o projeto. Com isso, o eucalipto do tipo *grandis* foi o material escolhido devida a firmeza e durabilidade. Michel afirmava “o eucalipto [...] é o futuro brilhante do Brasil no mundo de amanhã [...] é uma madeira de lei bonita e resistente que cresce em pouco tempo” (Leon,2016).



Embora seu processo tenha sido enaltecido e aprovado na época, o contrato de Michel foi suspenso no ano seguinte sem explicações por parte do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, órgão responsável pelo projeto.



## 9. CONCLUSÃO

Como assinalado na introdução, a monografia apresentada possui a proposta de democratizar um projeto de mobiliário visando a autoprodução e a modularidade. Como discutido

Apresenta-se a seguir a proposta de projeto denominada “SAMBA” que tem como características principais o uso de dois perfis, com cortes simples, que formam base comum para a sustentação de um elemento modular e multifuncional. As bases se repetem para compor o mobiliário versátil que, conforme a necessidade do usuário, pode ser montado de inúmeras formas. A serie SAMBA conta com a uniformidade material, voltada para a auto produção. Os perfis indicados são encontrados em diversas lojas de matérias de construção e bricolagem, com o uso de ferramentas e cortes simples. Além disso, seria fornecido um manual de construção didático com todas as especificações de materiais e dimensionamentos.

## 10. PROJETO

### Série Samba Elementos gráficos



Imagem renderizada pelo próprio autor

O projeto traz a uniformidade material como atributo fundamental ao móvel, permitindo assim produção de maneira eficiente e rápida. O material escolhido foi a madeira pinus, facilmente encontrada em lojas de construção e bricolagem, além de ter um manuseio e corte sem dificuldades.

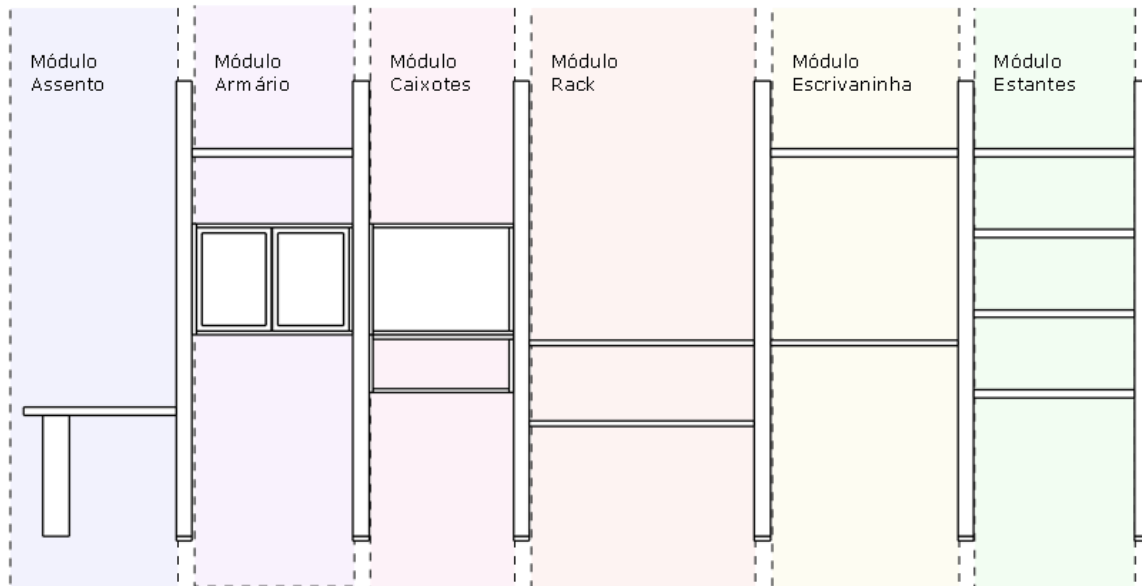


Modelo 3d produzido pelo autor



Modelo 3D renderizado pelo próprio autor

A serie apresenta módulos que podem ser transpostos de lugar conforme a necessidade do usuário. Da mesma forma, a modulação e componibilidade permitem a exclusão ou adição de módulos conforme a demanda.



São apresentados 6 módulos, baseados nos mais vendidos e procurados mobiliários para pequenos ambientes. Os módulos são: Assento, Armário, Caixotes, Rack, Escrivadinha, Estantes. Esses elementos modulares conversam entre si e atendem as mais diversas funções dentro de um lar doméstico. Ademais, conforme devido estudo prévio, há a possibilidade de expansão para módulos que atendam também comércios e serviços.



Modelo 3D renderizado pelo próprio autor

Em conjunto a uniformidade material e a autoprodução, o presente projeto permite a customização pessoal do usuário. Podendo trazer uma face lúdica para o mobiliário, além de confirmar a identidade própria para o ambiente. Fazendo do lar, um espaço cada vez mais pessoal e acolhedor.



Representação de possibilidade de cores, reproduzido pelo próprio autor



Modelo 3D renderizado pelo próprio autor



Modelo 3D renderizado pelo próprio autor

## 11. REFERÊNCIAS

AMADEI, J. R. P.; FERRAZ, V. C. T. **Guia para elaboração de referências: ABNT NBR 6023:2018**. Bauru, 2019. 54 p.

BARBOSA, L. L. **Design sem fronteiras: a relação entre o nomadismo e a sustentabilidade**. 2008. 412 P. Tese (Doutorado em Design e Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008.

CARDOSO, V. C. **Movimento Hippie**. In: Rede Omnia. MundoEducação, Goiânia, [ca. 2020], Acesso em 5 out 2023. Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/movimento-hippie.htm#:~:text=o%20movimento%20hippie-.O%20movimento%20hippie%20foi%20um%20movimento%20de%20contracultura%20que%20surgiu,e%20defendendo%20práticas%20mais%20libertárias.>

Castro, L. R., & Correa, J. (2005). Juventudes, transformações do contemporâneo e participação social. In L. R. Castro & J. Correa (Eds.), *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais* (pp. 9-16). Rio de Janeiro: Nau.

DE BARROS, P. M. "TROPICÁLIA": A FACE DA NASCENTE CONTRACULTURA NO BRASIL NOS ANOS DE CHUMBO. **Revista de Literatura, História e Memória**, [S. l.], v. 10, n. 15, 2015. DOI: 10.48075/rlhm.v10i15.10326. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/10326>. Acesso em: 19 out. 2023.

Fraga, P. C. P., & Iuianelli, J. A. S. (2003). Introdução: juventude para além dos mitos. In P. C. P. Fraga & J. A. S. Iuianelli (Eds.), *Jovens em tempo real* (pp. 9-16). Rio de Janeiro: DP & A.

Giovana Martino. "Arquitetura, design e artes: o que podemos aprender com a obra de William Morris?" 20 Jun 2021. ArchDaily Brasil. Acessado 5 Dez 2023.

<<https://www.archdaily.com.br/br/962873/arquitetura-design-e-artes-o-que-podemos-aprender-com-a-obra-de-william-morris>> ISSN 0719-8906

LEON, E. Mobília contemporânea, ascensão e queda de um gosto moderno. In: LEON, E. (org.) **Michel Arnout, design e utopia: móveis em série para todos**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2016. Cap. 2, p. 31-62.

MAUTNER, Y. Três tentativas de fabricação de um móvel popular. In: LEON, E. (org.) **Michel Arnout, design e utopia: móveis em série para todos**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2016. Cap. 8, p. 133-142.

HUGERTH, M. W. A apresentação do design moderno na mobília contemporânea In: LEON, E. (org.) **Michel Arnout, design e utopia: móveis em série para todos**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2016. Cap. 3, p. 63-78.

MAIA, A. A. R. M; MANCEBO, D. **Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado**, Psicologia: Ciência e Profissão, Rio de Janeiro, v. 2, p. 376-389, ago. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200012> . Acesso em : 4 dez. 2023.

.....  
<https://www.fm2s.com.br/public/blog/taylorismo-e-fordismo#:~:text=Criado%20por%20Henry%20Ford%2C%20o,apostando%20na%20padroniza%C3%A7%C3%A3o%20da%20produ%C3%A7%C3%A3o.>

04-10-2023

[www.sinonimos.com.br](http://www.sinonimos.com.br)

04-10-2023

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Arts\\_%26\\_Crafts#cite\\_ref-2](https://pt.wikipedia.org/wiki/Arts_%26_Crafts#cite_ref-2)

04-10-2023

<https://formatoobjeto.com.br/arts-and-crafts-a-valorizacao-do-trabalho-manual/>

05-10-2023

AMADEI, J. R. P.; FERRAZ, V. C. T. **Guia para elaboração de referências:** ABNT NBR 6023:2018. Bauru, 2019. 54 p.

MARTINO, G. **Arquitetura, design e artes:** o que podemos aprender com a obra de William Morris?. 20 jun 2021. ArchDaily Brasil. Acesso em 5 out 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/962873/arquitetura-design-e-artes-o-que-podemos-aprender-com-a-obra-de-william-morris>

09-10-2023

CARDOSO, V. C. **Movimento Hippie.** In: Rede Omnia. MundoEducação, Goiânia, [ca. 2020], Acesso em 5 out 2023. Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/movimento-hippie.htm#:~:text=o%20movimento%20hippie-.O%20movimento%20hippie%20foi%20um%20movimento%20de%20cultura%20que%20surgiu,e%20defendendo%20práticas%20mais%20libertárias.>

[https://en.wikipedia.org/wiki/Morris\\_%26\\_Co.](https://en.wikipedia.org/wiki/Morris_%26_Co.)

19-10-2023

DE BARROS, P. M. “TROPICÁLIA”: A FACE DA NASCENTE CONTRACULTURA NO BRASIL NOS ANOS DE CHUMBO. **Revista de Literatura, História e Memória**, [S. l.], v. 10, n. 15, 2015. DOI: 10.48075/rlhm.v10i15.10326. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/10326>. Acesso em: 19 out. 2023.

[http://pepalito.com.br/designers\\_post/michel-arnout/](http://pepalito.com.br/designers_post/michel-arnout/) acesso : 27/11/2023



<sup>1</sup> citação : Michel Arnoult, design e utopia: móveis em série para todos/ Organizado por Ethel Leon. – São Paulo: Edições Sesc São Paulo,2016, pag 27

<sup>2</sup> citação : Michel Arnoult, design e utopia: móveis em série para todos/ Organizado por Ethel Leon. – São Paulo: Edições Sesc São Paulo,2016, pag 36

<sup>3</sup> inicialmente a empresa se chamou Forma durante aproximadamente 4 anos, após descobrirem que o nome já pertencia a outra fábrica de móveis surgiu a ideia de Móvel Contemporânea.

OLIVEIRA, A. A. A. **Brasil Nomadic Furniture 4.0**. 2019 .227 P. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. 288 p.

PAPANEK, V.; HENESSEY, J. **Nomadic Furniture 2**. New York, Toronto: Pantheon Books, 1974. 153 p.

PAPANEK, V.; HENESSEY, J. **Nomadic Furniture** . New York, Toronto: Pantheon Books, 1973. 149 p.

PRADO, A. **A volta da cultura do “faça você mesmo”**. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/a-volta-da-cultura-do-faca-voce-mesmo/> .

MAIA, A. A. R. M; MANCEBO, D. **Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado**, Psicologia: Ciência e Profissão, Rio de Janeiro, v. 2, p. 376-389, ago. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200012> . Acesso em : 4 dez. 2023.

BARBOSA, L. L. **Design sem fronteiras: a relação entre o nomadismo e a sustentabilidade**. 2008. 412 P. Tese (Doutorado em Design e Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo ,Universidade de São Paulo, 2008.

TAVARES, Karine. **Apartamentos cada vez menores**. O Globo, Rio de Janeiro, 14 abr 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/imoveis/imoveis-estao-cada-vez-menores-8109664> . Acesso em: 4 dez 2023

Castro, L. R., & Correa, J. (2005). Juventudes, transformações do contemporâneo e participação social. In L. R. Castro & J. Correa (Eds.), *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais* (pp. 9-16). Rio de Janeiro: Nau.

Fraga, P. C. P., & Iuianelli, J. A. S. (2003). Introdução: juventude para além dos mitos. In P. C. P. Fraga & J. A. S. Iuianelli (Eds.), *Jovens em tempo real* (pp. 9-16). Rio de Janeiro: DP & A.

ROSENTHAL, B.; GAMBAGORTE, E.. Práticas do morar e consumir em apartamentos compactos na grande metrópole. 11º Congresso Latino-Americano de Varejo: "Engaging and Interactive Shopper Experience", Brasil, set. 2016. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ocs/index.php/clav/clav2016/paper/view/5805/1651>

## 12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto reflete um olhar amplo para diversas áreas do design de produto, gráfico e ambientes, além de um conhecimento interdisciplinar com ...

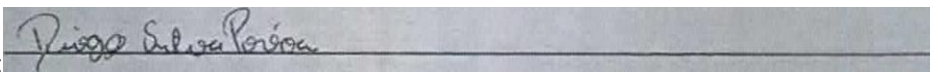
## **APÊNDICE**

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

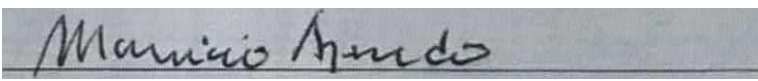
Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O estudante DIOGO SILVA PÓVOA do Curso de Design, matrícula 2019.1.0042.0004-6, telefone: 61 99693 0082, e-mail povoadiogo@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado MOBILIÁRIO PARA ESPAÇOS REDUZIDOS - Autoprodução. ■ gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); som (WAVE, MPEG, AIFF, SNS); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura elou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 15 de dezembro de 2023

Assinatura do autor: 

Nome completo do autor: Diogo Silva Póvoa

Assinaturado professor orientador: 

Nome completo do professor-orientador: Mauricio dos Santos Azeredo